



# 13º Encontro sobre o Uso da Bíblia no Semiárido “A sabedoria do povo na terra prometida”

Vargem da Cruz, Juazeiro, BA, 15 a 18 de maio de 2012

## Relatório do 13º Encontro sobre o Uso da Bíblia no Semiárido

1

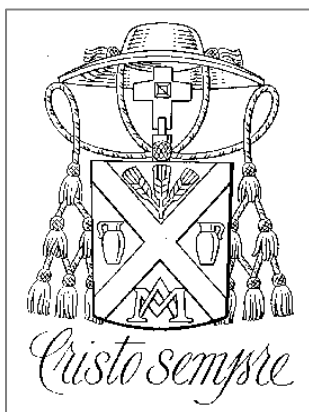
Foi realizado nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio de 2012, na Vargem da Cruz, no Centro de Formação do Irpaa, a 12 km de Juazeiro-BA, o 13º Encontro Bíblico sobre o Uso da Bíblia no Semiárido para formação de lideranças comunitárias com o tema **“A sabedoria do povo na terra prometida”**. Todos participaram com o intuito de aprender mais sobre a beleza de conviver com o semiárido e desfrutar ainda mais a sabedoria da palavra de Deus. Com o apoio de um colaborador de peso, João do Irpaa teve o prazer de passar esses dias com 45 pessoas que vieram de diversos lugares, entre eles Pedro II no Piauí, Choró no Ceará, e o resto de muitas partes da Bahia como Juazeiro, Pilão Arcado, Sento Sé, Remanso, Curaçá, Uauá, Sobradinho, e os estudantes da Republica do Irpaa, na Vargem da Cruz. Todos apostaram no espírito de coletividade e deram início ao encontro com grande expectativa por na maioria participar pela a primeira vez de um encontro como esse.



Retrato dos/das participantes do Encontro Bíblico 2012

## O Primeiro Dia:

No primeiro momento logo na chegada fomos acolhidos no Irpaa, na Vargem da Cruz que é uma roça com horta e criação de animais, um centro de formação e a moradia de 14 estudantes jovens. Estes nos alojaram nos quartos e depois de um maravilhoso almoço, nos dirigimos para o salão onde tudo começou. Como é tradição nos encontros, foi feito um acordo de convivência, onde todos foram divididos em grupos que todos os dias tinham atividades para desenvolver. Para entrarmos no clima do encontro decidimos dar a estes grupos o nome dos quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. Depois louvamos ao senhor com cânticos de animação, vindos do livrinho **“O Sentido da Vida é Viver Feliz”**, disponibilizado pela organização do encontro; cantamos então a musica de Zé Vicente, chamada **“Baião das Comunidades”** (Canto Nº 21). As apresentações dos participantes foram bastante interessantes quando ressaltaram as questões dos Povos Indígenas, Comunidades Quilombolas, e Comunidades de Fundo de Pasto. Muitos se identificaram e se apresentaram com uma destes grupos, contando suas histórias de origem. Depois foi lida a programação do encontro e feitas algumas alterações. Falava-se também dos custos do encontro (cem reais por participante) que foram disponibilizados pela Caritas Internacional da Alemanha.



Em seguida, foi lida a **carta de saudações de D. André**, Bispo de Rui Barbosa e presidente do Irpaa, onde ele escreve: **“As circunstâncias desta vez não me permitem**

estar entre vocês que participam e que irão se enriquecer mutuamente e levar depois esta experiência para as suas comunidades. Só me resta escrever e mandar por e-mail! Mas o valor do encontro mesmo, com a partilha na sala e nos bastidores, o falar e o calar, o olhar e cantar... este só encontra quem participa mesmo, assim como a pérola preciosa ou o tesouro escondido no campo, só são encontrados por quem procura **(Mt 13,44-46).**”

Depois do lanche, voltamos com muita animação, cantando **“Deixe-me viver”** (Canto Nº 18). Logo trabalhamos em quatro grupos para discutirmos **como utilizávamos a Bíblia no Semiárido?**

Nas apresentações em plenário muitos ressaltaram que a utilizavam de maneira simples, onde mais acontecia era em casa, nas comunidades, em diversos grupos entre eles de jovens, na catequese, nas celebrações. Muitos falaram que a palavra era importante para nos motivar e superar os desafios decorrentes da vida.

O Grupo Mateus ressaltou a historia de Israel e a terra prometida (Canaã), dizendo ainda que a Bíblia é vida e sabedoria no caminho. O Grupo Marcos falou que a Bíblia é utilizada em festejos populares como na tradição das novenas onde nos nove dias visitam casas, proclamando a palavra do senhor. O Grupo Lucas lembrou um ponto bastante interessante o homem/a mulher e a natureza do semiárido, dizendo que a palavra de Deus na Bíblia tem muito haver com nossa realidade porque o tempo de antigamente também parecia com o nosso. O Grupo João falou da importância da palavra da vida nos momentos de aflições onde mais procuramos a Deus e ainda falaram onde mais utilizam a palavra de Deus, que são nos grupos de jovens, na catequese, nas celebrações na própria, na comunidade e ajuda na casa de um

enfermo.

Na discussão se disse ainda que a palavra de Deus na Bíblia devia se tornar viva através de nós, lembrando que nas comunidades tradicionais em nossa região vivia-se a palavra de Deus, sem conhecer a Bíblia, nos mutirões, no uso comum da terra, foram lembradas as rezadeiras, benzedadeiras e parteiras.

O encontro procedeu com uma reflexão a partir da **cartilha do “Uso da Água no Sertão”**. João pediu para que falássemos sobre o que tínhamos entendido ao primeiro olhar na capa da apostila: A comunidade ficava mais unida pela busca da água, assim facilitando a solidariedade de todos. A capa mostrava uma comunidade tradicional, organizada (não uma agrovila), com terra bem cuidada e água, não só nas cisternas, mas também para os animais e para a plantação. Logo depois abrimos a página 08 da cartilha e lemos sobre “O que é ler a Bíblia na realidade no Semiárido?” E ainda refletimos o **Salmo 104** “Louvor a Deus o Criador”: todos juntos rezamos o salmo e cantamos o refrão “O Senhor Deus tomou o Homem e a Mulher e os colocou no sertão para que o cultivassem e guardassem (**Gn 2,15**)”. Juntos discutimos o significado do salmo na nossa região; segundo Otávia de Remanso da comunidade de Nova Esperança, o que mais chamou atenção foi a primeira estrofe, diz ela que tem tudo haver com nosso sertão que nos devemos cuidar e cultivar o que Deus nos ofereceu. O estudante Demário também não descartava a ideia de que o salmo era exemplo puro como a realidade do semiárido deveria ser. No salmo o ser humano não era dominador e explorador, mas fazia parte da natureza, com suas plantas e animais.

À noite assistimos ao filme “**Viva São João**”, uma história da cultura

nordestina de garra e resistência que os nordestinos tinham o orgulho de contar, a história do rei do baião, Luiz Gonzaga do Nascimento. Para a estudante Alessandra a história de Luiz Baião foi e ainda continuava sendo importante para a disseminação da cultura nordestina juntamente com o baião em todo o Brasil, ainda ressaltou que Luiz era muito corajoso quando levou contra muito preconceito a sua música para todo o resto do Brasil. Gilberto Gil dizia no final do filme: “Sertão é como umbu que é azedo, mas é doce quando é doce!”

### **O Segundo Dia:**

No segundo dia, depois de uma bela noite aos sons dos grilos acordamos com os passarinhos e o sino a tocar, hora de iniciar-nos o novo dia com atividades e aprendizado.



Na sombra do umbuzeiro e do juazeiro

No primeiro momento nos dividimos dois grupos onde os estudantes da república do Irpaa apresentaram duas formas de tecnologia que os pequenos agricultores utilizavam nas suas propriedades. O grupo 1 ficou com a horta e a criação de galinhas do PAIS (Produção Agroecológica Integrada Sustentável). E o grupo 2 com o APRISCO (Chiqueiro de bodes e cabras). Em seguida o café da manhã já nos aguardava, e depois a Mística nos reservou **um momento**

**sagrado com a natureza debaixo de um Pé de Umbu e de Juá** enfrente ao refeitório. Falamos do semiárido como um jardim e cantamos a musica de Jesser Quirino “Umbuzeiro Sagrado” (Canto Nº 44). Refletimos sobre a resistência destas duas árvores tão belas e sagradas para os sertanejos e que deveríamos ter a mesma resistência na nossa terra como cada uma tem no período da seca.

Em seguida todos no salão falaram da importância das plantas da caatinga e em especial do umbuzeiro, que ainda antes da chuva ele botava as folhas e começava a florir. Isso porque tem raízes batatas que depositam água e alimentos na época de chuva para passar toda a época de seca.”



Apreciamos a valiosa contribuição dos adultos com sua experiência de vida no semiárido

João passou alguns slides e falamos sobre a importância do umbu para as famílias no semiárido e começamos a falar sobre a rede sabor natural do sertão e a valorização da economia solidária. Afirmamos que o importante era preservar os pés de umbu, não sair vendendo os umbus em sacos, trazia mais lucro fazer e vender o umbu beneficiada como geleia, doce e suco. Sabendo que as famílias com essa rede tinham mais sustentabilidade e as árvores da caatinga eram bem mais preservadas e as pessoas capacitadas.

Nesse segundo momento os quatro

grupos continuaram a utilizar a apostila “A Busca da Água no Sertão”. O Grupo Um falou sobre o semiárido: a importância de aprender a **conviver com o clima** (páginas 20 e 21). Com uma dramatização muito legal contada pela estudante Alessandra, se apresentou a historia de João, um garoto que estava prestes a fazer 18 anos e não sabia onde pudesse ir trabalhar; ele ficava confuso se iria para São Paulo ou se ficava no Nordeste, uma duvida que deixava João muito perplexo, até chegar alguns colegas de São Paulo, dizendo que aqui no Sertão não tinha futuro... Logo depois alguns amigos do Nordeste diziam para João que agora o Semiárido tinha mudado porque aqui nós aprendíamos a conviver e buscar caminhos novos, descobrir tecnologias que só o povo daqui tinha facilidade de fazer. Mas João ainda ficava confuso: “Final será para onde o João vai?” É a pergunta dos jovens do Semiárido hoje.

No Grupo Dois se falou sobre o **ciclo das secas e a previsibilidade das secas** (páginas 30 e 31). Mostraram que as secas pertenciam ao clima semiárido e que voltavam num ciclo de mais ou menos 26 anos. Falavam de D. Pedro II que disse na seca de 1877 que ele mesmo vendia as pedras da coroa para salvar seu povo, mas não o fazia, enquanto o Padre Ibiapina naquele tempo repartia a água das “casas d’água” para o povo. O grupo ainda afirmou que podíamos nos prevenir das secas, mas muitos se enganavam quando pensavam que a seca não voltasse mais.

Já o Grupo Três falou sobre **a terra do povo de Deus** (páginas 72 e 73). Compararam o mapa do nordeste com o mapa de Israel: a busca da terra prometida onde corre leite e mel, e ainda fizeram uma pergunta: “Será que no semiárido ainda corre leite e mel e será que vamos encontrar nossa terra prometida? Ou já estamos nela? Temos muitas riquezas em

nossa região, porém nem todos aproveitam de maneira correta ou alguns querem se aproveitar delas e deixar a maioria sem nada.” Cantamos mais uma vez: “O Senhor Deus tomou o Homem e a Mulher e os colocou no sertão para que o cultivassem e guardassem (Gn 2,15)”.



Comparamos a terra da Bíblia e o Semiárido

Já no Grupo Seis falaram sobre a **coragem de tomar posse de uma terra rica e grandiosa (Nm 13,1-33)** que tinha sido a Terra Prometida dos israelitas e que era a de nós Nordestinos/as também (páginas 84 e 85). Aprendemos um canto animado em hebraico, a língua do povo da Bíblia: “Eretz zavat halav halav ud vash” (Canto Nº 45) que significava traduzido: Terra onde corria leite e mel.

O Grupo Cinco comentou como o **profeta Jeremias (Jr 38,1-13)** orientava o povo num tempo difícil (páginas 80 e 81). Numa pequena dramatização eles mostraram como o profeta ficou preso numa cisterna e como foi libertado pela coragem de Eved Meleque. O grupo falava da importância das cisternas e que elas já existiam há muito tempo na Terra Prometida. Relembrou também que no Nordeste tinha grupos contra a organização do povo e que ainda faltavam políticas públicas para todos. “O governo não faz políticas públicas, faz programas.”

Ao retorno depois do almoço, João passou uma pequena reportagem do Globo

Rural sobre a seca atual, mostrando a realidade do povo e o que eles perderam com a falta de chuva: muito sofrimento vindo da falta de saber como viver no semiárido. Em seguida, o Grupo Quatro falou sobre **Elias e a viúva de Sarepta que ensinavam a conviver com a seca (1 Rs 17, 1-6, páginas 78 e 79)**. O grupo destacou que a realidade bíblica do passado não era muito diferente do presente. Elias viajava muito para procurar uma saída da seca e a encontrava na atuação da viúva de Sarepta que partilhava o pouco que ela tinha.



Seu Alcides e sua plantação de mandacaru

Contamos aí com uma participação especial de seu Alcides, da comunidade de Ouricuri de Uauá, mostrando que lá ele tinha aprendido a conviver com a seca e ainda afirmou que Deus nos dava a inteligência para ajudar os outros. Seu Alcides contou que o homem estava maltratando a terra, destruindo a natureza e não repondo o que dela tirava. Seu Alcides ainda disse que ficava feliz quando num encontro como esse que falava de Deus tinha uma grande quantidade de jovens que era sinal de esperança quando eles se preocupavam com o futuro do planeta. Disse com orgulho que plantava dois mil pés de mandacaru de 1996 a 2000 e assim a criação nunca mais tivesse falta de comida na seca. Falou também que tinha plantado

milhares de coroas de frade e que tinha cisterna de produção e barragem subterrânea. Ele disse ainda que trabalhava com os vizinhos, que a união fazia a diferença, e que a seca existia e que éramos capazes de conviver com ela, a grande diferença era a união.

Emanoel Messias, estudante da república do Irpaa, falou através de slides sobre **a luta dos povos indígenas** do Brasil e sobre a questão agrária que desrespeitava os índios. Sendo hoje que no Brasil apenas 0,2% da população era composta de índios registrados pelo IBGE e que quando os portugueses chegavam eram mais de três milhões. Demário também estudante, contou que não eram apenas as mortes e sim o medo de se identificar e mostrar suas raízes e o preconceito que os afastavam da sua cultura de origem. Pedro Oliveira do povoado São José, município de Macurerê, e estudante da república, descendente de índios contou um pouco sobre sua história e sua descendência do povo Tumbalalá (Veja sobre este povo na internet: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tumbalala/1078>). Contou Pedro que foi a Fazenda Dias d'Ávila que primeiro roubava as terras deles, no último tempo tinham que lutar contra a Chesf que os expulsava das ilhas do Rio São Francisco para construir a Barragem de Itaparica. “Amamos a terra como o recém-nascido ama o bater do coração da mãe!” Pedro contava também dos remédios da caatinga que sua tia preparava. Avisamos sobre a Marcha das Águas que teria em 3 de junho em Itacuruba, PE, para defender a terra e a água contra a construção de uma usina nuclear na terra dos povos indígenas.

Depois João falou sobre a história de humanidade e afirmou que o tempo mais importante para nós era **o tempo que se chama hoje**. “Podemos trazer para hoje o

tempo passado através da memória e de celebrações. Podemos adiantar o futuro através de sonhos e do planejamento. Mas a nossa história estamos construindo hoje.” Junto analisamos a linha do tempo nos períodos da pré-história e de algumas datas importantes para a história (confira texto mimeografado). Assim conseguimos juntar a história do povo da Bíblia com a história das comunidades do Semiárido. 6

Depois falamos sobre o tema do encontro que era **a sabedoria do povo**. “O povo é tremendamente sábio. Claro, nem sempre o demonstra: pois é também sabido! Esta sabedoria popular distingue-se do conhecimento teórico: brota da reflexão na ação ou seja, é toda feita de experiência de vida. Em Israel, a origem desta sabedoria popular perde-se nos longínquos primórdios de sua história e depois foi enriquecida em cada geração. O livro dos Provérbios é uma expressão desta sabedoria do povo. Na realidade, este livro é como um almanaque de reflexões pragmáticas, finuras e enigmas, é um livro cheio não de coisas, mas de vida. Os provérbios da Bíblia mostram que a Palavra de Deus está presente no nosso dia-a-dia. Devemos, portanto, resgatar os traços do rosto de Deus revelados no cotidiano do povo. E mais ainda, como ensina o livro dos Provérbios, buscar os traços do rosto de Deus mesmo em culturas e sabedorias dos povos tradicionais do nosso semiárido. Não será este o sentido da verdadeira inculturação do Evangelho?”

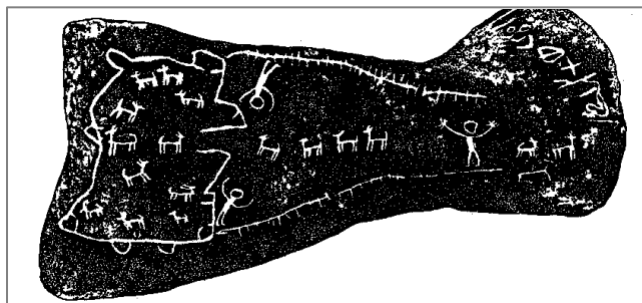
Na volta do lanche, quisemos entender melhor o Livro de Provérbios da Bíblia. Todos lembraram um provérbio popular, enfim todos participavam e assim nos formamos em grupos novamente, procuramos na Bíblia o livro dos Provérbios e discutimos os textos, o que teriam a ver com a realidade de hoje e no

semiárido e depois ficou o resultado para ser apresentado no dia seguinte.

À noite vimos alguns trechos do filme “**Jesus de Nazaré**” de Franco Zefirelli, mostrando a atividade de Jesus na Galiléia.

### O Terceiro Dia:

Na manhã do terceiro dia, os estudantes da república continuaram nos mostrando e explicando seu trabalho na roça (criação de cabras, de galinhas, uso de água e horta). Dona Silvany de Mulungu do município de Juazeiro, BA, ia arrumar sua criação de galinhas do jeito como os estudantes estavam fazendo, disse ela. A oração da manhã fizemos enfrente ao aprisco de cabras e refletimos sobre **Provérbios 27, 23 a 27**: como o povo da bíblia cuidava de suas cabras, fazia feno, tirava leite e assim nos davam um exemplo ainda hoje. Cantamos “A eleição do bode” (Canto Nº 6) que falava das vantagens de criar cabras no sertão.



Desenho numa pedra de um aprisco, ovelhas e criadores em Israel na época dos Provérbios

Depois Adeodata nos contou sobre o **CEBI, Centro de Estudos Bíblicos** ([www.cebi.org.br](http://www.cebi.org.br)), que tinha um programa de formação e outro de publicação sobre o uso da Bíblia no Brasil. Ela disse que era uma das responsáveis do CEBI, que já levava a experiência para a África e que estava acompanhando três grupos de estudo bíblico há 20 anos em Pedro II, PI.

João falou depois sobre as Bíblias que estávamos usando no encontro: a maioria usava a Bíblia Sagrada (Edição

Pastoral) da Editora Paulus, com explicações atualizadas para cada trecho. Alguns tinham também a Bíblia Sagrada na Linguagem de Hoje da Sociedade Bíblica do Brasil. A Bíblia Ilustrada da Editora Ática seria ótima para usar na catequese e nos grupos de jovens.

Depois apresentamos o trabalho em grupos do dia anterior. Os desenhos simples da Annie Vallotton, uma artista francesa, tinham ajudado bastante para representar os provérbios (veja no texto mimeografado). Foram apresentados os seguintes provérbios pelos grupos: **1,11-15.33; 6,6; 9,9; 10,5; 11,12; 15,9.17.19; 20,1; 21,13.25; 23,1; 24,14,14; 26.3.20.27.**



Apresentação de provérbios no plenário

Encerramos o estudo do livro **Provérbios com a leitura do cap. 31, 10 – 31** que era um poema dedicado às mulheres sábias do semiárido. As mulheres do encontro acharam este poema muito importante, toda a mulher nascia com sabedoria, esta mulher parecia com a juíza Débora, com Ester e ainda com a nossa Senhora. O homem sem o apoio de uma mulher não fazia sucesso. Nesse momento foi passado um vídeo sobre as **mulheres agricultoras** de Valente e Santa Luz na Bahia que deram a volta por cima e passaram a perceber o valor da sua cultura. No vídeo foi mostrada a realidade de mulheres, sua organização, a criação de animais, o

trabalho com o sisal, o beneficiamento de umbu, a dança da ciranda, a organização numa cooperativa; “Elas dão a vida para sustentar suas famílias. Essas mulheres são a força do nosso povo do sertão como a mulher nos Provérbios.” Vejam o filme em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/no-sertao-da-ba-cooperativa-muda-a-realidade-de-um-grupo-de-mulheres/1913829/>

Ao voltarmos do almoço fomos surpreendidos por uma apresentação em slides pelo o aluno da republica Emanuel Messias. Ele comentou sobre a **história dos povos quilombola** que era uma cultura e religião no nosso país por muitos desconhecida apesar de formarem mais de quatro mil comunidades, uma delas em Nossa Senhora da Conceição no Rodeadoro, em Juazeiro. Ainda ressaltou que era preciso mostrar sem medo suas origens africanas e ainda afirmou que o principal era ter vez e voz para mostrar a resistência de sua raça.

Prosseguimos o encontro passando do Antigo para o Novo Testamento (ou melhor do Primeiro para o Segundo Testamento) onde nos concentramos na atividade de Jesus na Galileia. **Jesus utilizou os provérbios para desenvolver seus ensinamentos.** Na preocupação de evangelizar o povo do semiárido da Galileia, Jesus valeu-se da sabedoria popular preservada nos provérbios. E é Jesus quem nos dá as melhores chaves de leitura. Compare **Pr 2,21** (“porque eles habitarão a terra”), com **Mt 5,5** (“os mansos possuirão a terra”). O mesmo vale para outras passagens do Sermão da Montanha (compare **Pr 3,27-29** com **Mt 5,43-48**). “Jesus nos ensina a evangelizar o povo com a sabedoria do próprio povo.” Especialmente tentamos de descobrir como Jesus usava a sabedoria do povo no Sermão da Montanha (**Mt 5 a 7**). Para isso

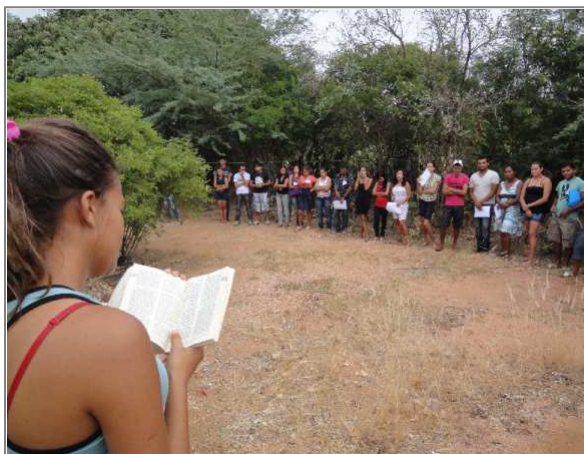
nos dividimos em seis grupos e cada grupo estudou um trecho deste sermão onde estava resumido o ensinamento principal de Jesus. Descobrimos que Jesus falava aí de muitas coisas do semiárido: “Deus quer construir o Semiárido com aqueles que constroem a convivência, Jesus fala de sal, luz, da chuva, da enchente, das pedras e da areia, na oração do Pai Nosso está ensinando a convivência com a natureza e com os irmãos/irmãs, os povos indígenas já viviam tudo isso quando partiram o excedente, Jesus fala das flores, do capim, dos pássaros, fala da esmola que os políticos dão na época da eleição (enquanto a mão esquerda não deveria saber o que a mão direita dá), fala de porcos, cães, ovelhas e lobos, figos e ervas daninhas.” Quando acabamos de estudar este sermão deste jeito “ficamos admirados com o seu ensinamento e sua sabedoria, porque Jesus ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os doutores da Lei (cf. **Mt 7,28 e 29**)”.

Para a nossa alegria como de tradição dos cursos teve **a noite cultural**, noite que revelava muitos artistas, a cultura e a sabedoria do povo do sertão. Na noite cultural foram mostradas diversas apresentações, entre elas poemas, danças culturais como a da capoeira, desfile das belezas do sertão e não podia faltar o correio da amizade, em que com muita reverência muitos receberam cartinhas de agradecimentos pela grande amizade criada no encontro. Queremos destacar o bendito da novena de São José para chamar a chuva, cantado por Da. Otávia da comunidade de Nova Esperança, município de Remanso, BA. Não faltou a dança da quadrilha que foi trazida para o Brasil há 200 anos pela Imperatriz Leopoldina da Áustria (terra de João) como tínhamos ouvido no filme “Viva São João”.



## O Quarto Dia:

No quarto e último dia, fomos convidados depois do café da manhã para irmos ao Cruzeiro onde ouvimos e refletimos a palavra de Jesus em **Mt 13, 42 – 47** (como foi proposto por D. André na sua carta): “O reino de Deus é a terra que é o semiárido e aí tem um tesouro que devemos nos esforçar para descobrir. Este é o nosso compromisso diante e Deus, da natureza e do povo.” Depois cantamos na caminhada para o salão, agradecendo: “Meu Divino Espírito Santo, guia da comunidade, alumiai a pobreza pra viver na irmandade.” (Canto Nº 41).



Reflexão em redor do cruzeiro

No salão tivemos uma reflexão novamente com os estudantes da republica sobre os **Fundos de Pasto**: falaram da resistência da comunidade de Areia Grande, no município de Casa Nova. “25% das terras do Brasil são terras tradicionais. Hoje são ameaçados pelas mineradoras, grileiros, carvoeiras e projetos do governo. Os fundos de pasto são nosso jeito de viver no sertão, criando bode, beneficiando umbu, maracujá e preservando e replantando a caatinga.”

No segundo momento nos separamos em grupos por município para fazer um pequena **avaliação** e de **como usar a Bíblia no semiárido daqui para frente**. No município de Juazeiro todos

adoraram o encontro e queriam voltar e ainda afirmaram que queriam passar para todos na comunidade de forma simples o que aprenderam: na associação de Siriema, na catequese (além de seguir as orientações da CNBB ver também a realidade do semiárido, falar sobre as cinco linhas de luta pela água como está na apostila). No município de Uauá e Curaçá também querem contextualizar tudo o que aprenderam na catequese, nas reuniões com jovens e nas associações. No município de Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado todos querem transmitir para os familiares, amigos e jovens o quanto o encontro foi bom, divulgar para o grupo de rede de mulheres que tem em Remanso e Sento Sé, que continuem com muita fé. Os estudantes da Escola Família Agrícola do município de Sobradinho, já trabalharam a palavra de Deus depois do encontro do ano passado e vão continuar e afirmaram que para eles foi muito bom saber como guardar alimentos para os animais, vão visitar todos juntos uma ou outra comunidade e fazer lá reunião com os jovens e contar para o padre da paróquia sobre o encontro e envolver ele.



Os/as estudantes da EFA de Sobradinho

Já os estudantes da republica na Vargem da Cruz querem continuar disseminando a palavra de Deus, todos os Domingos terá a liturgia da palavra as 8:00 horas da noite. E ainda afirmou a estudante Delma que muitas pessoas que não tinham um grande

grau de conhecimento, mas muita sabedoria, acabavam passando coisas superinteressantes, “É sempre bom ouvir a todos e todas.” Adeodata diz que adorava o encontro e que era muito importante falarmos sempre da cultura de povo assim valorizando sua raça. D. Otávia com o seu jeito carinhoso não esqueceu de agradecer que a comida estava uma delícia. Demário afirmou que através da palavra de Deus o povo pode sim conseguir seus objetivos. Seu Alcides disse que os novos de antes eram os velhos de hoje e os novos de hoje seriam os velhos de amanhã, então devíamos sempre erguer a bandeira da juventude mostrando nossa força. João agradeceu a presença de todos e afirmou que tinha ficado surpreso com a quantidade de jovens porque já tinha feito outro encontro com apenas cinco pessoas, que as pessoas adultas tinham contribuído com sua experiência de convivência com o semiárido e o trabalho bíblico nas comunidades. O sucesso do encontro foi que ninguém tinha ficado fora e todos ficaram envolvidos, participaram e contribuíram e isso deu na riqueza do encontro.

Assim o encontro encerrou e todos seguiram para suas comunidades: como os discípulos/as foram para o semiárido da Galileia vamos para o nosso semiárido no Brasil.

Aqui lhes escreve uma colaboradora do Irpaa, Alessandra Silva Conceição que como catequista, representante do grupo de jovens e de movimentos sociais agradeço de coração por escrever tudo o que vivemos nesses dias inesquecíveis.

João Gnadlinger, outro colaborador do Irpaa, deu uma lida neste relatório antes de ser publicado.

Juazeiro, BA,  
Festa do Divino,  
27 de maio de 2012

### **Materiais de trabalho fornecidos:**

- Carta de Saudação de Dom André Witte, Bispo de Rui Barbosa, BA
- Textos mimeografados: Linha do Tempo, Introdução para o livro dos Provérbios (com desenhos feitos por Annie Vallotton), Jesus mostra a chave de leitura do livro dos provérbios e texto do Sermão da Montanha.
- Cartilha do Irpaa: A Busca da Água no Sertão, 5ª edição, 2011
- Folheto de Cantos: O Sentido da Vida é Viver Feliz

### **Epílogo (escrito por Adeodata Maria dos Anjos, Mandacaru, Pedro II, PI):**

*“Mesmo diante de toda essa grandeza de sabedoria, muitas indagações vão surgindo e a pergunta que mais volta é: qual é o tempo que ainda sobra para se fazer a leitura dessa Palavra no meio das organizações populares e no meio popular? É desafiante fazer opção por um trabalho bíblico, porque as ONGs precisam sobreviver e os projetos propostos pelo poder público são direcionados para determinados fins, seguidos de uma burocracia e tecnocracia que exigem o tempo integral deixando-as quase sem forças para a atuação em outros espaços urgentes na sociedade, nas comunidades. Diante dessa realidade desafiadora algumas entidades ainda encontram força para ler a Bíblia com o povo. Em alguns momentos a gente chega a pensar e até se assusta, pois parece que se está fugindo da realidade cruel do mundo técnico burocrático e brincando de se esconder da realidade ficando atrás de um texto bíblico. Do outro lado é ainda um sopro, um fio da voz profética que nos resta na esperança de que essa Palavra de vida e Palavra da Bíblia possa conservar os valores que são sagrados no meio das populações menos favorecidas. Insistir é preciso.”*